

O SAGRADO PROFANADO: UMA LEITURA DO POEMA “INICIAÇÃO DE JACÓ” DE WALDO MOTTA

Me. Ricardo Alves dos Santos (UFU)
ricardo.ia.alves@gmail.com

RESUMO

Waldo Motta, poeta contemporâneo, tem um projeto literário “erotismo sagrado” delineado a partir da obra *Bundo e outros poemas* (1996). Desta obra, selecionamos o poema “Iniciação de Jacó” para refletimos sobre os deslocamentos que o escritor promove ao trazer a questão homossexual para o espaço lírico. O sagrado bíblico é (re)conduzido para uma cena sexual homoafetiva. A referência à Jacó, personagem bíblica, nos versos waldianos, dará nome ao iniciado sexualmente e ele terá acesso ao sagrado por vias sexuais. Neste exercício artístico, a ação empreendida pelo poeta coloca em jogo a passagem do sagrado para o profano, a particularidade da primeira relação sexual de Jacó de ordem profana recebe um tratamento sagrado, promovendo uma “neutralização daquilo que profana”, já que o sagrado, que outrora era elevado e separado do mundo profano dos humanos, “perde a sua aura e acaba restituído ao uso”. Usaremos como suporte teórico as obras *Profanações* (2007) e *O erotismo* (1987), respectivamente de Giorgio Agamben e Georges Bataille, na tentativa de atestarmos que o artista faz uso do sagrado e do profano para enfatizar uma ação humana que visa a satisfação do corpo e a descoberta da sexualidade e do prazer de Jacó.

PALAVRAS-CHAVE: Waldo Motta, sagrado, profano, homossexualidade.

Waldo Motta, poeta capixaba, iniciou seu labor literário durante o final da década de 70 do século passado. Influenciado pela poesia marginal deste período, caracterizada pelo entrelaçamento entre vida e obra, Motta faz uso de suas experiências pessoais e íntimas para construir uma poesia-religião que terá como base de criação literária um deslocamento dos mitos religiosos, os quais serão o tempo todo convocados para uma reflexão crítica sobre a condição de vulnerabilidade e anulamento social do poeta, já que a pobreza, a miséria e a homossexualidade do autor nutrirão sua lírica desbocada, debochada e subversiva.

Da obra *Bundo e outros poemas* (1996), selecionamos o poema “Iniciação de Jacó”. Nesta realização poética, uma cena de iniciação sexual homossexual se reconstrói em uma linguagem metaforicamente trabalhada, conduzindo-nos ao caminho da revelação e do encontro com a intimidade decantada de Jacó. A poeticidade e expressividade do poeta deixam-nos, através do sagrado profanado e erotizado, sob a instância das forças misteriosas que operam na articulação do desejo:

INICIAÇÃO DE JACÓ

Numa pedra Jacó buscou o apoio
para a sua cabeça e, como eleito,
descobriu o consolo dos aflitos,
o bálsamo de todo sofrimento,
encontrando a pedra fundamental,
obra-prima e trono do Obreiro.
Aquela noite, na casa de Deus
Jacó entrou, a conhecer o Esposo,
O excelso Esposo dos varões eleitos,

e como eleito ao seu gentil afeto,
do calcanhar à cabeça o conheceu,
corpo e alma transidos de amor.
E em seus mais íntimos recônditos
conhecendo-se Jacó e o Senhor,
aquela noite em Betel,
chamada desde sempre Luz,
cidade templo do Onipotente,
do calcanhar à cabeça, por inteiro,
Conheceu os mais íntimos aposentos
do celeste Esposo, o feliz varão
que o senhor transforma em Israel.
Ali soube Jacó, em grande enlevo
e mui grande alegria, aquela noite,
soube Jacó, em si, a via estreita,
secreta e exclusiva dos eleitos,
que une, pelo reto, a Terra aos céus
e, desvestindo os véus de seus mistérios,
desterra-nos o Céu interior.
(MOTTA, 1996, p. 55).

Jacó¹, personagem bíblica, é filho de Isaque e Rebeca e é irmão gêmeo de Esaú, o primogênito. Jacó recebe este nome pelo fato de ele ter sido o último a nascer, segurando com a mão o calcanhar de Esaú. A vida de Jacó encontra-se explicada nos versículos destacados abaixo:

Depois saiu o seu irmão, agarrada sua mão ao calcanhar de Esaú; pelo que foi chamado Jacó. E Isaque tinha sessenta anos quando Rebeca os deu à luz.

Gênesis 25:26

Cresceram os meninos; e Esaú tornou-se perito caçador, homem do campo; mas Jacó, homem sossegado, que habitava em tendas.

Gênesis 25:27

Isaque amava a Esaú, porque comia da sua caça; mas Rebeca amava a Jacó.

Gênesis 25:28

Jacó havia feito um guisado, quando Esaú chegou do campo, muito cansado;

Gênesis 25:29

e disse Esaú a Jacó: Deixa-me, peço-te, comer desse guisado vermelho, porque estou muito cansado. Por isso se chamou Edom.

Gênesis 25:30

Respondeu Jacó: Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura.

Gênesis 25:31

Ao que disse Jacó: Jura-me primeiro. Jurou-lhe, pois; e vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó.

Gênesis 25:33

¹Sua história é relatada no livro de Gênesis e seu nome, do hebraico *Yaakov*, significa o suplantador e deriva da palavra “calcanhar”.

Jacó deu a Esaú pão e o guisado e lentilhas; e ele comeu e bebeu; e, levantando-se, seguiu seu caminho. Assim desprezou Esaú o seu direito de primogenitura.

Gênesis 25:34

Disse então Rebeca a Jacó, seu filho: Eis que ouvi teu pai falar com Esaú, teu irmão, dizendo:

[...]

Gênesis 27:6

Traze-me caça, e faze-me um guisado saboroso, para que eu coma, e te abençoe diante do Senhor, antes da minha morte.

Gênesis 27:7

Respondeu, porém, Jacó a Rebeca, sua mãe: Eis que Esaú, meu irmão, é peludo, e eu sou liso.

Gênesis 27:11

Depois Rebeca tomou as melhores vestes de Esaú, seu filho mais velho, que tinha consigo em casa, e vestiu a Jacó, seu filho mais moço;

Gênesis 27:15

e pôs o guisado saboroso e o pão que tinha preparado, na mão de Jacó, seu filho.

Gênesis 27:17

E veio Jacó a seu pai, e chamou: Meu pai! E ele disse: Eis-me aqui; quem és tu, meu filho?

Gênesis 27:18

Respondeu Jacó a seu pai: Eu sou Esaú, teu primogênito; tenho feito como me disseste; levanta-te, pois, senta-te e come da minha caça, para que a tua alma me abençoe.

Gênesis 27:19

Então disse Isaque a Jacó: Chega-te, pois, para que eu te apalpe e veja se és meu filho Esaú mesmo, ou não.

Gênesis 27:21

chegou-se Jacó a Isaque, seu pai, que o apalpou, e disse: A voz é a voz de Jacó, porém as mãos são as mãos de Esaú.

Gênesis 27:22

Disse-lhe então seu pai: Traze-mo, e comerei da caça de meu filho, para que a minha alma te abençoe: E Jacó lho trouxe, e ele comeu; trouxe-lhe também vinho, e ele bebeu.

Gênesis 27:25

Tão logo Isaque acabara de abençoar a Jacó, e este saíra da presença de seu pai, chegou da caça Esaú, seu irmão;

Gênesis 27:30

Disse Esaú: Não se chama ele com razão Jacó, visto que já por duas vezes me enganou? tirou-me o direito de primogenitura, e eis que agora me tirou a bênção. E perguntou: Não reservaste uma bênção para mim?

Gênesis 27:36

Esaú, pois, odiava a Jacó por causa da bênção com que seu pai o tinha abençoado, e disse consigo: Vêm chegando os dias de luto por meu pai; então hei de matar Jacó, meu irmão.

Gênesis 27:41

A história bíblica de Jacó é deslocada nos versos do poeta Waldo Motta. As palavras “iniciação” e “eleito” nos conduzem para uma cena consagrada e elevada de um ato profano e humano. Apesar das referências sagradas, a iniciação de Jacó se deu via prazer e sexualidade. O “Esposo”, o “Senhor”, o “Obreiro” é destacado como iniciador sexual que garante à Jacó a consumação de seu desejo descoberto na morada sagrada daquele que proporcionou o contato com o que era interdito e incompreendido: uma relação sexual entre rapazes.

“Profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular.” (AGAMBEN, 2007, p. 66). A ação empreendida pelo poeta em “Iniciação de Jacó” coloca em jogo a passagem do sagrado para o profano, a particularidade da primeira relação sexual de Jacó de ordem profana recebe um tratamento sagrado, promovendo uma “neutralização daquilo que profana”, já que o sagrado, que outrora era elevado e separado do mundo profano dos humanos, “perde a sua aura e acaba restituído ao uso” (AGAMBEN, 2007, p. 68). Assim, o artista faz uso do sagrado e do profano para enfatizar uma ação humana que visa a satisfação do corpo e a descoberta da sexualidade e do prazer de Jacó.

O local consagrado “Betel”, foi neste lugar que Jacó teve a visão de uma escada que atingia o céu, por onde anjos subiam e desciam, constrói uma visão de pura energia erótica, já que, no poema “Iniciação de Jacó”, Jacó, ao conhecer o Esposo, transforma-se em Israel, o que evidencia a tomada de consciência daquilo que Jacó é enquanto ser. As aflições e os sofrimentos de Jacó são abandonados diante do Senhor. Assim, profanar “não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas.” (AGAMBEN, 2007, p.75).

O novo uso dado ao elemento sagrado pode ser constatado também a partir da subversão que o poeta Waldo Motta faz ao parodiar a trajetória de um herói clássico. O tom narrativo é evidenciado pelas marcações espaciais “Numa pedra”, “na casa de Deus”, “Betel” e “Ali” e temporal “aquela noite” para nos contar uma história exemplar de Jacó. A transformação do nosso herói é evidente nos versos “do celeste Esposo, o feliz varão/ que o Senhor transforma em Israel” e este processo é fruto de uma revelação e descoberta, Jacó se descobre completamente elevado na medida em que “os véus de seus mistérios” são descortinados pelo “Esposo”. A revelação de Jacó se deu por “uma via estreita” e “secreta”, pelo “reto”. A profanação é notada o tempo todo no poema, criando um campo de tensão permanente “entre natureza e cultura, privado e público, singular e comum” (AGAMBEN, 2007, p. 75) e, obviamente, entre o sagrado e profano.

Waldo Motta usa da história bíblica de Jacó para empreender um jogo de ordem erótico. Os versículos bíblicos nos relatam uma vida que se iniciou de maneira opressora e excluída, Jacó queria ser o primogênito e ao enganar seu pai foi jurado de morte pelo irmão Esaú, tendo que abandonar sua vida familiar. O afastamento e a mentira fizeram de Jacó um ser angustiado que só obteve acalento quando o Senhor resolveu ouvir seu clamor e suas aflições.

De certo modo, Jacó teve, no poema, suas aflições resolvidas quando teve seu desejo sexual reprimido saciado perante o sexo daquele que lhe levou aos céus. As angústias são transformadas em prazer e gozo e isso de certa forma também nos remete à necessidade de superá-las. A experiência interior que o sujeito waldiano revitaliza a partir da primeira relação homossexual de Jacó, coloca-nos no jogo recorrente que travamos com as questões que são rotineiramente conduzidas por elementos proibitivos: a angústia de transgredir o interdito e logo após estarmos enredados na mesma situação de intimidação. Esta relação paradoxal do interdito é assim entendida por George Bataille:

Os homens são em um mesmo tempo submetidos a dois movimentos: o terror, que intimida, e a atração, que comanda o respeito fascinado. O interdito e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão. O interdito e o tabu não se opõem ao divino senão num sentido, mas o divino é o aspecto fascinante do interdito: é o interdito transfigurado. (BATAILLE, 1987, p. 64).

Ao infringir o interdito, promovendo um novo olhar para a leitura bíblica, Waldo Motta se diferencia do tratamento que, por exemplo, Luís de Camões dá ao fazer referência a aspectos da vida de Jacó, como podemos ver no soneto transcrito abaixo:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contetando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,
dizendo: “Mas servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida.”
(CAMÕES, 2011, p. 118).

Neste soneto, Camões se vale da história bíblica para refletir sobre a persistência do amor e a efemeridade da vida. Ele retoma o episódio em que Labão obriga Jacó a trabalhar servilmente durante sete anos para que a este fosse concedido o casamento com a filha daquele, Raquel. Entretanto, Labão engana Jacó, concedendo-lhe a mão da filha mais velha, Lia. O amor de Jacó por Raquel é tão grande que este se submete a mais sete anos de sacrifícios para enfim casar-se com sua amada Raquel. O uso da passagem bíblica em Camões se serve como argumento para glorificar o amor platônico.

Diferentemente do poeta renascentista, a história de Jacó é percorrida pelo poeta contemporâneo por via erótica e profana, numa satisfação plena do desejo. O poema ao se realizar em uma longa estrofe sugere a ideia de prolongamento da experiência sexual e do desejo. Assim, o erotismo evidenciado no poema “Iniciação de Jacó”, coloca-nos, parafrazeando George Bataille (1987), conscientemente, o ser em questão, já que a intimidade e a “experiência de dentro” é a energia vital que nos sustenta frente às angústias e às interdições.

A paródia realizada por Waldo Motta tem uma dependência do modelo preexistente relatado na bíblia, entretanto a ironia e o humor são suscitados a partir da subversão e da profanação desempenhada no poema avaliado. Assim, o proibido passa a evidenciar algo misterioso sublinhado pelo jogo entre o profano e o sagrado, o poeta toca neste último para

libertá-lo e usá-lo de maneira profanada e humana, deslocando o alto para uma cena sexual de consumação da carne e do prazer.

No cenário contemporâneo, Claudia Roquete-Pinto (2005), em *Margem de Manobra*, publica o poema “A escada de Jacó”: “Ela está rindo/ - e gargalhava, até -/ antes do choro convulsivo/ ante o relance/ de céu adquirido – pelo corpo?/ Sim o corpo era o caminho/ mas outra coisa nela se movera/ e agora erguia seu rodamoinho/ pelos canais,/ enquanto o corpo, o outro,/ tiritava, transitava sem piloto/ do nulo à súbita doçura,/ ao tigre, ao terremoto,/ à menina que ela tinha sido/ perto demais da zona de perigo,/ perto do exílio -/ e, um segundo atrás, a escada, os anjos subindo.” (PINTO, 2005, p. 22). Notamos que tanto em Waldo Motta quanto em Claudia Roquete-Pinto a intertextualidade com a história de Jacó apresenta uma tônica erótica. Em “Iniciação de Jacó” de Waldo Motta, Jacó conhece o prazer advindo de uma experiência sexual e transcendental, no poema “A escada de Jacó” sugere-nos um elo entre a terra e os Céus, o qual é intermediado pela erotização do corpo. Portanto, ao valer-se da história de Jacó para sua composição literária, o poeta capixaba reitera o desejo e o engano que ronda a vida da personagem bíblica. Jacó se passa por Esaú e deseja o lugar do irmão. Na poesia waldiana, o desejo homoafetivo é descortinado e revelado sendo conduzido por um viés desprovido de enganação e de ocultação.

A condição homossexual de Waldo Motta é o ponto de partida para seu exercício poético, ele almeja frisar o quanto a sociedade atual se mantém presa a valores que ferem a dignidade e a integridade de uma parcela da população. Sendo assim, a poesia torna-se para o poeta um instrumento de vingança e de protesto contra as segregações que imperam em sua experiência de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antônio Carlos Viana. – Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução João Ferreira de Almeida. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CAMÕES, Luís de. *Sonetos de Camões*. Edição comentada e anotada por Izeti Fragata Torralvo e Carlos Cortez Minchillo. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011. (Clássicos Ateliê).
- PINTO, Claudia Roquete. *Margem de Manobra*. – Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2005.
- MOTTA, Waldo. *Bundo e outros poemas*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.